

## **Black Blocs e Portal UOL: visão de esquerda e violência simbólica em rede<sup>1</sup>**

Talyson Ferreira de Oliveira SILVA<sup>2</sup>

Indiara FERREIRA<sup>3</sup>

Universidade de Uberaba (Uniube), Uberaba, MG

### **RESUMO**

A abordagem do Portal Universo Online (UOL), na reportagem de Líderes do grupo Black Bloc são presos no Rio por suspeita de vandalismo, publicada em 04 de setembro de 2013 foi objeto desta pesquisa. Foram analisadas as referências relativas à Teoria Instrumentalista, de Pena (2007), Traquina (2005) e os conceitos de Violência Simbólica de Bourdieu, (1982). As ações de editores e repórteres do portal merecem reflexão, uma vez que reproduzem violências instituídas em nossa sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Black Blocs; Teoria Instrumentalista; Violência Simbólica; Jornalismo Online; Portal Uol

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo foi realizado pelo Núcleo de Pesquisa em Novas Teorias da Comunicação (NUPENTEC) da Universidade de Uberaba, em Minas Gerais, na linha de estudo e pesquisa de Biocomunicação. Faz parte do projeto PIBIC/FAPEMIG, intitulado Black Bloc: os sinais da violência simbólica na cobertura jornalística do Portal UOL.

O movimento Black Bloc ganhou força no Brasil nas manifestações promovidas em junho de 2013. O objetivo dos protestos era impedir o aumento das tarifas de ônibus. Desde então, teorias negativas contra o movimento surgiram. Na mídia em geral, o grupo sofreu com repercussões negativas sobre seus atos. Neste trabalho foi analisada a reportagem Líderes do grupo Black Bloc são presos no Rio por suspeita de vandalismo, publicada em 04 de setembro de 2013, pelo Portal Universo Online, UOL.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo (GP Teorias do Jornalismo) do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 17 a 19 de junho de 2016

<sup>2</sup> Estudante do 5º período de Jornalismo da Uniube, bolsista PIBIC/FAPEMIG, integrante Nupentec/Uniube – Biocomunicação. E-mail: [talysonfo12@hotmail.com](mailto:talysonfo12@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Uniube. Mestre em Educação (Uniube), especialista em Arte e Criatividade, também em Tecnologias Midiáticas (Unifran). Pesquisadora Fapemig. Integrante do Nupentec/Uniube - Biocomunicação. E-mail: [indiara.ferreira@uniube.br](mailto:indiara.ferreira@uniube.br)

O objetivo geral foi analisar a reportagem citada sob a ótica da Teoria Instrumentalista, de Pena (2007), Traquina (2005) e os conceitos de Violência Simbólica de Bourdieu, (1982). Como objetivos específicos, contextualizou-se os Black Blocs, inclusive no Brasil, discorreu-se sobre Teoria Instrumentalista, abordou-se a Violência Simbólica e o conceito de *habitus* e um panorama do Portal UOL.

O estudo justificou-se pela necessidade de refletirmos sobre as ações dos jornalistas no ciberespaço, em especial, observando seus impactos na comunidade.

## 2. QUEM SÃO OS BLACK BLOCS

Segundo Dupuis-Déri (2014), a primeira ideia de origem de Black Bloc surgiu na Grã-Bretanha no século XX, onde as elites dominantes estavam satisfeitas em manter as mulheres fora do processo eleitoral. Em 1903, seis integrantes do movimento sufragista (direito de votar) montaram o grupo chamado *Women's Social and Political Union* (União Social e Política das Mulheres) e promoveram ações sobre o lema “Deeds, not words!”, ou seja, ações, não palavras. Elas ganharam o apelido de suffragettes. Os constantes tumultos por elas promovidos nas reuniões dos partidos políticos, fizeram com fossem proibidas de comparecer às mesmas.

Revoltadas, passaram a lançar projeteis e a quebrar janelas, tentavam invadir a residência oficial do primeiro-ministro. Nas manifestações, mulheres marchavam com pedras e martelos e quebravam janelas dos órgãos públicos, banco, e lojas. Caixas de Correio foram incendiadas, linhas telefônicas cortadas, casas de políticos contra o voto feminino eram atacadas.

Em 1913, 232 incêndios criminosos e ataques de bomba foram realizados pelas *suffragettes*, além de outros 105 entre janeiro e agosto de 1914, quando eclodiu a 1ª Guerra Mundial. Depois da guerra as mulheres finalmente ganharam o direito ao voto, mas os historiadores ainda discutem se essa campanha de distúrbios ajudou ou prejudicou a causa (DEPUIIS-DÉRI, 2014, p. 39).

Outros grupos também ficaram conhecidos por enfrentar a polícia, na França, nos Estados Unidos. Dupuis-Déri (2014, p.35), diz que: “A mídia tradicional retrata os black blocs como excepcionalmente violento, porém quando comparados à violência extrema e muitas vezes letal praticada em conflitos no passado e no presente, eles parecem até contidos”.

Portanto o que distingue a tática dos Black-Blocs não é o recurso de força, tampouco o uso de equipamentos defensivos e ofensivos em passeatas e manifestações – ainda mais porque muitos Black Blocs já protestaram pacificamente sem qualquer equipamento. Na verdade, o que diferencia essa tática de outras unidades de choque é sobretudo sua caracterização visual – a roupa inteiramente preta da tradição *anarcopunk* - e suas raízes históricas e políticas nos *Autonomen*, o movimento “autonomista” em Berlim ocidental, onde a tática do Black Bloc foi empregada pela primeira vez (DEPUIS-DÉRI, 2014, p.40).

Ainda segundo, o autor os Black Blocs muitas vezes agem de forma pacífica para indicar uma crítica, porém, radical, não só ao sistema econômico, mas também ao sistema político. “Nesse sentido, um Black Bloc é como uma grande bandeira negra formada por pessoas no centro de uma manifestação” (DEPUIS-DÉRI, 2014, p. 10). Por defenderem seus atos e suas vestes negras, somadas às críticas ao sistema capitalista, muitas vezes, rotulados, estereotipados e estigmatizados.

O black bloc não é tratado como uma filosofia política, muito menos como uma estratégia. É uma tática. Uma tática que não envolve relações de poder globais, nem tomadas de poder, tampouco tenta se livrar do poder e da dominação. [...] Uma tática como a dos black blocs é uma forma de se comportar nos protestos de rua (DEPUIS-DÉRI, 2014, p.11).

No Brasil, os Black Blocs ganharam visibilidade em 2013, durante as manifestações conhecidas como “20 centavos”, promovidas pelo movimento “Passe Livre”, com objetivo de impedir o aumento das passagens de ônibus em São Paulo. A partir desta manifestação, os Black Blockers ganharam as ruas de todo país, pedindo também melhorias em saúde, educação e protestos contra o governo.

Judensnaider (2013) salienta que quando os Black Blocs quando surgiram na Alemanha, em 1980, se ocupavam de proteger os manifestantes dos ataques da polícia, inclusive, durante as manifestações. Uma década depois, nos protestos contra a OMC (Organização Mundial do Comércio), o grupo foi orientado a provocar a destruição de propriedades privadas como forma de protesto. Esta imagem reforçada pelos americanos é a mesma que o povo brasileiro incorporou.

No Brasil, as ações do grupo foram marcadas por repressões da polícia, com a prisão de muitos indivíduos do movimento. Do ponto de vista da mídia, a intolerância se repetiu, com a angulação de reportagens ferindo, inclusive, os códigos de ética da profissão.

### **3. VERTENTES DA TEORIA INSTRUMENTALISTA**

A Teoria Instrumentalista impõe, basicamente, que as notícias são norteadas pelos interesses políticos.

Para a teoria instrumentalista, as notícias servem objetivamente a determinados interesses políticos. O instrumentalismo parte de um paradigma de pesquisa baseado nos chamados estudos da parcialidade, cujo objetivo é verificar a existência ou não de distorções nos textos noticiosos (PENA, 2008, p. 146).

Pena (2008) cita que há duas versões para explicar como são produzidas as notícias. “Na versão de esquerda, as notícias são vistas para manter o status do *quo capitalista*. Na versão de direita elas são usadas para questionar a ordem no mesmo sistema” PENA (2008, p. 146). Porém vale lembrar que essa visão, é baseada em um modelo de esquerda e direita americano, o que significa direita nos Estados Unidos, aqui significa esquerda, e vice e versa. No Brasil, a contextualização “de direita”, visa os interesses capitalistas, e a visão “de esquerda”, os interesses do povo.

Pena (2008) propõe cinco itens que explicam a distorção das notícias:

Padrão de ocultação – onde há ausência de fatos reais na produção da imprensa. Padrão de Fragmentação – O real é estilhaçado e dividido em milhões de fatos desconectados entre si, desligados de seus antecedentes e das consequências, evitando assim a consciência crítica do contexto. Padrão de inversão – após a descontextualização, há troca de lugares e inversão dos fatos. [...]. Padrão de indução – combinação dos graus de distorção para fazer a população enxergar uma realidade artificialmente inventada. Padrão global: refere-se à ilusão de apresentar a realidade de forma completa, total, global, definida e acabada (PENA, 2008, p. 148).

Na análise de Traquina (2005, p. 162), “A própria teoria democrática influencia fortemente a definição social da postura do Quarto Poder”. Tais entendimentos reforçam a máxima de que as notícias sustentam a força política.

#### **4. VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E HABITUS**

Bourdieu (1982) classifica como violência simbólica a violência exercida sem contatos físicos, mas com perigosos danos psicológicos e morais. A prática que evidencia ideologias fundamentadas na coação de as minorias ou de ideias diferentes do que é instituído como convencional.

A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização. As fracções dominantes, cujo poder assenta no capital econômico, tem em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por intermédio dos

ideológicos conservadores os quais só ver verdadeiramente servem os interesses dos dominantes por acréscimo, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detém como delegação; a fração dominada tende sempre a colocar o capital específico a que ela deve a sua posição, no topo das hierarquias dos princípios de hierarquização (BOURDIEU, 2001, p. 12)

O autor também classifica que todo poder de violência simbólica, que chega para impor algumas significações e ainda a instituí-las como legítimas, propondo a dissimulação das relações das forças, são sinais de perigo.

O autor defende a família e, posteriormente, o sistema de ensino como importantes espaços para a disseminação da cultura dominante, sem chances de abertura para novos pensamentos. Dominados, então, com a incorporação de conceitos ao longo de anos, perdem a chance de abrir a cabeça para novos horizontes, sendo privados, inclusive, de realizar escolhas próprias. “O grau objetivo de arbitrário do poder de imposição de uma ação pedagógica é tanto mais elevado o grau de arbitrário da cultura imposta é ele mesmo mais elevado” (Bourdieu, 1982, p. 24). A pessoa acredita que os conceitos impostos de forma velada são corretos e tende a segui-los.

Uma ação pedagógica tem a tendência de levar minorias à exclusão.

Um dos efeitos menos percebidos na escolaridade obrigatória consiste no fato que ela consegue obter das classes dominadas um reconhecimento do saber-fazer legítimos (por exemplo, em matéria de direito, medicina, de técnica, de entretenimento ou arte), levando consigo a desvalorização do saber e do saber-fazer, que elas efetivamente dominam (por exemplo, direito consuetudinário, medicina doméstica, técnicas artesanais, línguas e artes populares) (BOURDIEU, 1982, p. 53).

Bourdieu (1982) ainda trata do conceito de *habitus*, reforçando que os hábitos não vão mudar, a não ser que mude a forma agir. Para ele, é como se fosse uma lei social, enraizada, incorporada. Ortiz (2003) reforça que o *habitus* é o condicionamento coletivo, sob quais são produzidos os pequenos hábitos individuais, conforme cada cultura e suas diversidades.

## 5. JORNALISMO ONLINE E UOL

A internet foi criada em 1969, durante a Guerra Fria, e tinha o objetivo de estabelecer ligações entre as bases militares dos Estados Unidos, país que temia ataques

nucleares russos. Seu nome na época era ARPAnet. Depois de quase 20 anos, em 1988, chegou ao Brasil, porém com restrições. Era usada apenas no meio acadêmico. Os primeiros sites noticiosos surgiram em 1995, mas, em sua maioria, eram reproduções de versões impressas.

Os primeiros sites de jornais foram lançados entre 1995 e 1996. Entre os pioneiros estavam O Estado de S. Paulo, cuja Agência Estado transmitia informações financeiras por meio de ondas de rádio desde o início dos anos 1990, o Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, e o Jornal do Commercio, de Recife. Na sequência, grandes empresas como grupo Folha, grupo Abril e organizações Globo tiveram de se adaptar à nova realidade e buscar uma maneira de agregar a internet aos seus negócios (FERRARI, 2007, p. 101)

Com a evolução tecnológica, muitas empresas tiveram que se adaptar e começaram a produzir e a oferecer ao leitor conteúdos próprios, provocando a queda na venda dos jornais impressos. A instantaneidade passou a ser dominante e o jornalismo online travava uma batalha intensa entre qualidade x agilidade.

Ela [a notícia] não era mais publicada quando estava pronta, seguindo as técnicas básicas de apuração que vigoravam até então – como fazer o cruzamento de várias fontes, ouvir o outro lado em questões polêmicas, buscar o equilíbrio em um texto que tivesse a pretensão de dar uma visão ampla dos fatos etc. O que se viu foi uma ânsia publicadora tão grande que o jornalista transformou-se praticamente em um difusor de informação ou em um instantaneísta (FERRARI, 2007, p. 14).

Ainda conforme a autora, nos Estados Unidos, os portais surgiram das evoluções dos sites de busca. Já no Brasil, surgiram dentro das empresas jornalísticas.

A construção da notícia em tempo real', título do capítulo de Adriana Garcia Martinez, mostra como o surgimento da internet fez com que o modo de publicação 'atacadista' das agências de notícias fosse parar no ' varejo', ou seja, nos portais. A preferência pelo wire como modo de exibição, com enumeração cronológica, trouxe mais confusão do que didatismo para o leitor. Essa é uma, mas não deveria ser a única forma de agrupar informações noticiosas na web (FERRARI, 2007, p. 8).

O Portal Universo Online (UOL) surgiu, em 1995, reproduzia notícias da Folha de S. Paulo, da revista Isto É, e reportagens traduzidas do jornal americano New York Times. Como todas as empresas jornalísticas, o UOL teve que se adaptar e se tornou não apenas um portal de notícias, mas também passou a contar com outras finalidades, como salas de bate papo, o provimento de conteúdos editoriais, comerciais, de entretenimento ou informação.

No dia 20 de maio de 2008, às 7h35min, o Portal UOL anunciou em sua página oficial a criação de uma nova central de jornalismo. “O site reúne as principais notícias do

Brasil e do mundo em textos, fotos, blogs, vídeos e infográficos, e nasce da fusão do UOL News com UOL Últimas Notícias”, dizia a notícia. O anúncio cita também que o UOL Notícias contaria com reportagens das redações do UOL, Folha Online, Veja Online, Band News, Jovem Pan, Jornal do Comércio, Valor, Agência Estado, BBC Brasil, Reuters, France Presse, Associated Press, e Deutsche Welle. A mesma notícia também enfatizava que o portal: “Traz também textos selecionados dos principais jornais e revistas do mundo”. Esse formato de reprodução de notícias seja de veículos do mesmo grupo ou de agências nacionais e internacionais permanece até hoje (maio de 2016).

## 6. A ABORDAGEM DO UOL, EM RELAÇÃO AOS BLACK BLOCS

O Portal UOL foi um dos muitos veículos do país a realizar a cobertura das manifestações que ocorreram no Brasil, motivadas pelo aumento das pesagens de ônibus. Em 2003, em razão de atos em todo o país, os Black Blocs ganharam evidência. Até então, o grupo de pessoas que participava vestido de preto e usando máscaras não havia ganhado destaque nas mídias.

O Portal Uol retratou o movimento Black Bloc marcado por ideologias de direita, conforme a Teoria Instrumentalista (Traquina, 2005). Só um lado foi ouvido, ou seja, a polícia ou órgãos do governo. A violência simbólica (Bourdieu, 1982), também foi verificada, com diversos sinais de repúdio ao grupo.

A publicação escolhida para esta análise é intitulada de *Líderes do grupo Black Bloc são presos no Rio por suspeita de vandalismo*, publicada em 4 de setembro de 2013, por Gustavo Maia, do UOL Rio de Janeiro.

Figura 1: Título da reportagem publicada no Portal UOL

**Líderes do grupo Black Bloc são presos no Rio por suspeita de vandalismo**  70

Fonte: Portal Uol

Não existe um manual de redação próprio para jornalismo na web, editado pelo Portal UOL. Nesta análise, utiliza-se o Manual de Redação da Folha de S. Paulo (1996). A obra é destinada para o impresso, no entanto, por se tratar da empresa que detêm o Portal UOL, entende-se que não há grandes diferenças quando ao direcionamento editorial. Segundo o manual:

A maioria dos leitores de um jornal lê apenas o título da maior parte dos textos. Por isso, ele é de alta importância. Ou o título é tudo que o leitor vai ler sobre o assunto ou é o fator que vai motivá-lo ou não a enfrentar o texto (MANUAL FOLHA DE SÃO PAULO, 1996, p. 85).

Ao dizer que os líderes ligados ao Black Bloc foram presos por suspeita de vandalismo, o autor já induz o leitor a entender que a tática é criminosa e, sendo assim, o leitor que prestar atenção apenas no título, deduzirá que os Black Blocs estão diretamente ligados ao vandalismo. Se o leitor prosseguir com a leitura do texto seguirá direcionado e com noções tendenciosas, conforme instigou o autor da reportagem.

### **Figura 2: Foto e legenda da reportagem publicada no Portal UOL**

Alessandro Costa/Agência O Dia/Estadão Conteúdo



Polícia Civil do Rio apreende um menor de idade em casa, em Pílares, na zona norte. O jovem é investigado por envolvimento com o grupo anarquista "Black Bloc"

Fonte: Portal Uol

A legenda da foto mostrada acima traz uma narrativa da ação apresentada na imagem. É utilizado o termo *anarquista*, de uma forma pejorativa, ligando os Black Blocs



a desordeiros. “A legenda fotográfica deve atender à curiosidade do leitor, que deseja saber o que ou quem aparece na foto, o que está fazendo, onde está. Sempre que for cabível, deve usar verbo no presente (o presente do momento em que a foto foi tirada)” (MANUAL DE REDAÇÃO FOLHA DE SÃO PAULO, p. 74). Ou seja, associar a foto de um menor sendo preso uma à legenda que sugere que a tática é criminosa, sugere distorção da matéria. Vale ponderar que sequer a foto não é do UOL, mas sim uma reprodução do Estadão, de autoria do fotógrafo Alessandro Costa/Agência O DIA. Foi escolhida em outro veículo para ilustrar a reportagem, conforme seu gancho.

O Manual (1996) também cita que durante a edição, a tensão existente nos fatos deve ser transmitida no destaque dado a eles. Por isso fotos, títulos, legendas e tudo que compõe o texto, deve estar carregado com a mesma tensão.

A estrutura do texto se fundamenta na teoria da pirâmide deitada (Canavilhas, 2005) constituída de 57 linhas e 15 parágrafos, trazendo uma nova forma de redigir a notícia, específica para web. O texto não é linear e há a inclusão de hiperlinks.

Propõe-se uma pirâmide deitada com quatro níveis de leitura: A Unidade Base – o lead – responderá ao essencial: O quê, Quando, Quem e Onde. Este texto inicial pode ser uma notícia de última hora que, dependendo dos desenvolvimentos, pode evoluir ou não para um formato mais elaborado. O Nível de Explicação responde ao Por Quê e ao Como, completando a informação essencial sobre o acontecimento. No Nível de Contextualização é oferecida mais informação – em formato textual, vídeo, som ou infografia animada – sobre cada um dos W’s. O Nível de Exploração, o último, liga a notícia ao arquivo da publicação ou a arquivos externos (CANAVILHAS, 2005, p. 15)

### Figura 3: Trecho da reportagem com hiperlinks

Na noite de terça-feira (3), [duas pessoas foram detidas e conduzidas à delegacia por policiais militares](#) durante um protesto denominado "baile de máscaras", na Cinelândia, no centro.

No ato, os PMs cumpriram pela primeira vez [a decisão judicial](#) que obriga a identificação criminal de pessoas que estejam usando máscaras durante manifestações públicas no Rio. Com isso, se necessário, o manifestante pode ser levado à delegacia.

**Fonte: Portal UOL**

Os hiperlinks dão ao leitor a opção de ler notícias diferentes sobre o assunto determinado. Eles também caracterizam a estrutura não-linear da reportagem, pois o leitor

pode partir do que está lendo para ir a outro conteúdo relacionado, ao seu critério. Os dois parágrafos representados na figura acima são links de matérias, também do Portal UOL, todas escritas pelo mesmo autor, Gustavo Maia, que tratam sobre a decisão judicial de não permitir máscaras durante manifestações públicas e sobre a prisão de duas pessoas durante manifestações contra a decisão judicial.

Os hiperlinks levam o leitor a compor sua ideia sobre a tática Black Bloc. Percebeu-se que são utilizadas apenas fontes relacionadas aos grupos de poder, como policiais e promotores. Neste caso, segundo a teoria das fontes de Erbolato (1991), as fontes usadas nas matérias classificam-se como *fontes fixas*, ou seja, as quais se recorre para o noticiário de todos os dias.

**Figura 4: Hiperlinks estruturados ao lado da matéria.**

#### ENTENDA O BLACK BLOC

Filosofia 'black bloc' prega desobediência

Entenda o que é o ativismo 'Black Bloc' presente nas manifestações

Vândalos estão sendo monitorados e investigados, diz Polícia Civil do Rio

Movimentação do grupo 'black bloc' surpreendeu sindicatos e policiais

**Fonte: Portal UOL**

É possível perceber que todas as matérias indicadas ao leitor para entender mais sobre os Black Blocs estão representando a tática de forma negativa. Segundo Dupuis-Déri (2014), a resposta da mídia em relação aos Black Blocs costuma sempre seguir um padrão, onde são descritos como arruaceiros e vândalos.

**Figura 5: Trecho da reportagem**

As pessoas que se autodenominam "black blocs" são conhecidas por atuar na linha de frente das manifestações públicas que se espalharam pela cidade. Para a polícia e o governo do Estado, o grupo anarquista é responsável pelas várias cenas de vandalismo que ocorreram nos protestos.

**Fonte: Portal UOL**

No trecho acima, da reportagem analisada, utilizam-se palavras como “grupo anarquista” e “vandalismo”, como estratégia de diminuição da tática.

A imagem pública dos Black Blocs foi distorcida pelo ódio e pelo desprezo que seus muitos críticos alimentam por eles: políticos, policiais, intelectuais de direita, jornalistas, acadêmicos e porta vozes de diversas organizações progressistas institucionalizadas, assim como outros manifestantes que acham que eles colocam em risco pessoas que não estão preparadas para enfrentar a violência policial (DEPUI-DÉRI, 2014, p. 23).

### Figura 6: Fontes

"Ao ser lançado ele vai encontrar alguma coisa ou alguém e pode ferir manifestantes, policiais e jornalistas, por exemplo. Esse instrumento é muito típico dos roubadores de carga", disse a chefe de Polícia Civil do Rio, Martha Rocha, em referência ao jacaré.

Segundo o delegado titular da DRCI, Ruchester Marreiros, 18 pessoas supostamente envolvidas em atos de vandalismo durante as manifestações que ocorrem desde junho já tiveram os nomes identificados pela Polícia Civil.

A Ceiv (Comissão Especial de Investigação de Atos de Vandalismo em Manifestações Públicas), criada por decreto pelo governador Sérgio Cabral (PMDB) no fim de julho, informou que há outras 50 pessoas identificadas apenas por fotos e vídeos.

**Fonte: Portal Uol**

As três fontes utilizadas na matéria são, segundo Erbolato (1991), fontes fixas, que se caracterizam por ser fontes diárias, como polícia, prefeitura, bombeiros etc. Significa que o autor não se empenhou, em nenhum momento, em buscar fontes ligadas ao black bloc para prestar esclarecimentos sobre o ocorrido. Apenas um pequeno trecho citando a página oficial do Black Bloc foi utilizado. Outra observação diz respeito ao uso de palavras como “vandalismo” e “roubadores de carga”. Ainda segundo Erbolato (1991), deve-se evitar ao máximo os adjetivos, a não ser quando for absolutamente necessário. Então, classificá-los com os adjetivos já mencionados parece-nos inadequado, pois é uma forma de caracterizar e rotular a tática Black Bloc.

### **Figura 7: Trecho “representando” Black Blocs**

Na página do Black Bloc no Facebook, há mensagens de repúdio às prisões. Os administradores da página dizem que a ação policial é "ditatorial".

**Fonte: Portal Uol**

No trecho apontado acima, a reportagem do Portal Uol faz menção à página do Black Bloc no Facebook. Pareceu-nos uma tentativa de apresentar o outro lado da história, ou seja, a versão dos Black Blocs, porém o trecho selecionado da página do Facebook pelo repórter traz apenas o fragmento superficial que reforça a violência e os rótulos pré-estabelecidos. O destaque foi a palavra “ditatorial”, utilizada entre aspas. Não houve, novamente, preocupação do site em ouvir nenhum membro do movimento sobre as diversas questões elencadas ao longo da reportagem. Evidências anteriores nesta análise já apontaram para o fato de que não existe preocupação em mostrar todos os ângulos da notícia, conforme sugerem as bases do jornalismo. Importante salientar que, sem diferentes pontos de vista, não se pode chegar mais próximo da realidade e, muito menos, propor uma reflexão que amplie o olhar do leitor.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o avanço tecnológico, a Internet tornou-se a principal e mais instantânea fonte de informação. O Portal Uol é um dos mais antigos e maiores portais de notícias do Brasil. O site se propõe a apresentar o jornalismo com a criação de conteúdos próprios, por meio de suas redações e também da reprodução de notícias oriundas de agências. Sua abrangência e penetração são inquestionáveis e por isso merecem reflexão.

Na reportagem utilizada como objeto deste artigo foi possível notar os impactos da versão de esquerda da Teoria Instrumentalista. Conforme a versão de esquerda, as notícias são elaboradas para manter o sistema social conforme as regras estabelecidas pelos poderes vigentes, sem qualquer questionamento. Após a análise tornou-se nítido que a cobertura jornalística do Uol apresentou apenas a visão de esquerda, ou seja, evidenciou apenas a versão das fontes oficiais ligadas ao poder, ou seja, os órgãos governamentais. Os Black Blocs foram retratadas de forma negativa e não tiveram nenhuma oportunidade de se manifestar. Observou-se ainda que os vândalos em questão foram tratados como integrantes do Black Bloc, porém não houve nenhuma exposição de que realmente eles mantivessem ligações com o movimento. Uma generalização perigosa

que coloca em risco a reflexão do leitor. Independentemente da restrição de espaço ou do deadline apertado do online, a valorização da verdade de cada um dos sujeitos envolvidos na reportagem deve ser mantida.

Notou-se também sinais de violência simbólica e da teoria do *habitus* defendidos por Bordieu (1982). Para o sociólogo, os princípios humanos surgem na educação (a partir da família e da escola) e são reforçados nos grupos de convivências. Os equívocos na forma de encarar o sistema e suas representações são então reproduzidos, sem qualquer questionamento. Na análise da reportagem, constatou-se que não houve preocupação em retratar o porquê das ações e de que modo as mesmas são importantes para alavancar um debate na sociedade. Pela metodologia utilizada nesta pesquisa, não conseguimos afirmar se houve uma interferência editorial na publicação do texto ou se o autor apenas reproduziu as representações sociais sem nenhum questionamento ouvindo apenas as autoridades e deixando de lado a opinião da minoria, no caso, o black blockers. De todo modo, a força dos interesses do poder vigente pareceram-nos muito fortes. O direito de informação foi aniquilado a partir do momento em que a angulação do texto favoreceu interesses. É importante refletirmos, portanto, sobre o cuidado com os dados e com as fontes, pois distorções constroem e salientam conceitos equivocados, reforçando padrões estabelecidos que, inclusive, negam o outro. São sujeitos que também merecem ser ouvidos e ter suas versões apresentadas para que o leitor possa formar a sua opinião.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil. 4ª edição. 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A reprodução: Elementos para uma teoria de ensino**. Tradução Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro; Francisco Alves. 2ª edição. 1982.

CANAVILHAS, João. **Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. Jornadas Jornalismo Online**. Aspectos e tendências. Universidade da Beira Interior. Portugal, novembro, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2015

DUPUIS-DÉRI, Francis. **Black Blocks. Tradução de Guilherme Miranda**. 1ª Edição, São Paulo: Veneta, 2014.

ERBOLATO, Mario. **Técnicas de Codificação em Jornalismo: Redação, Captação e edição no jornal diário**. São Paulo, Ática, 5ª Edição, 1991.

FERRARI, Pollyana. **Hipertexto Hipermídia: as novas ferramentas para a comunicação digital**. São Paulo, Contexto, 1ª Edição, 2007.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Novo Manual de Redação**. São Paulo, Folha de S. Paulo, 5ª Edição, 1995.

JUDENSNAIDER, Elena. **Vinte Centavos: a luta contra o aumento**. São Paulo, Veneta, 1ª Edição, 2013.

MAIA, Gustavo. **Líderes do Grupo Black Bloc são presos por suspeita de vandalismo**". Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/09/04/lideres-do-grupo-black-bloc-sao-presos-no-rio-por-suspeita-de-vandalismo.htm> . Acesso em: 13 de abril de 2016.

ORTIZ, Renato. **A Sociologia de Pierre Bordieu**. São Paulo, Olho d'água, 1ª Edição, 2003.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo, Contexto, 2ª Edição, 2008.

REDAÇÃO, Uol. **Estreia UOL Notícias, a nova central de Jornalismo do Portal**. Disponível em: <http://sobre.uol.com.br/ultnot/noticias/2008/05/20/ult5692u18.jhtm> . Acesso em: 28 de abril de 2016.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005.